

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES - EFPH
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

VANESSA APARECIDA DA SILVA

**A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES:
FESTAS RELIGIOSAS EM GOIÁS**

GOIÂNIA

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES - EFPH
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

VANESSA APARECIDA DA SILVA

**A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES:
FESTAS RELIGIOSAS EM GOIÁS**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para obtenção da graduação em Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^a. Ma. Simone Cristina Schmaltz de R. e Silva.

GOIÂNIA

2021

VANESSA APARECIDA DA SILVA

**A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES:
FESTAS RELIGIOSAS EM GOIÁS**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para obtenção da graduação em Licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA

Examinador:

Dr. Antônio César Caldas Pinheiro

Orientadora:

Ma. Simone Cristina Schmaltz de Rezende e Silva

GOIÂNIA

2021

AGRADECIMENTOS

Começo dizendo que essa será com toda certeza a parte mais fácil desta caminhada, pois muito tenho a agradecer.

O curso de História e o próprio fato de estar no ambiente da Universidade me ensinaram muito, e me fez desenvolver habilidades que eu sequer imaginava ter. Aos professores então, nem sei como agradecer, acho que nem sempre os professores tem a dimensão do quanto são suporte para seus alunos, não só intelectual e profissionalmente falando, mas pessoalmente, e por que não dizer, psicologicamente falando. É, vocês fazem sim a diferença em nossas vidas, me lembrarei disso sempre.

Ao longo do caminho, e inclusive ao final dele, nem tudo foram flores, e por vezes diante das inúmeras dificuldades pensei em desistir, mas sempre encontrei amparo para recomeçar, tanto em casa como na PUC. E gostaria aqui de destacar a paciência e acolhimento que o Coordenador Ivan Vieira possui com todos, e comigo não seria diferente. A forma de ele parar e dedicar um momento de toda sua atenção para simplesmente ouvir e nos direcionar com todos os nossos infindáveis problemas realmente faz toda a diferença. Como não sei se consegui em nossos encontros deixar claro minha gratidão, decidi deixar registrado aqui. Obrigada!

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Goiás pela qualidade do ensino prestado, destacando também os eventos promovidos pela instituição, que são sempre maravilhosamente bem organizados e promovem oportunidades únicas de aprendizado.

Ao colegiado de História quero dar um lugar de destaque, pois a paixão com que vocês professores constroem este curso é uma coisa sem igual. É realmente bonito de ver como fazem tudo funcionar. Fico feliz por ter tido a oportunidade de aprender com cada um de vocês. Na primeira aula que assisti do curso, com a professora Renata Nascimento, após conseguir normalizar minha frequência respiratória diante de tanto conteúdo a que tive acesso ainda no primeiro dia, tive a certeza de que estava onde queria estar.

Caros professores e professoras, sou muito grata a todos vocês, em especial à professora Simone Schmaltz que tanto confiou no meu potencial e foi minha base na construção deste trabalho. Sem sua parceria e dedicação, nada disso seria possível. Obrigada por se fazer tão presente mesmo em tempos onde a distância física se tornou critério para manter nossa saúde. Quero deixar aqui registrado para que todos

que tiverem acesso a este material saibam o quanto cada reunião por vídeo no *Teams*, cada mensagem no *Whatsapp* ou nossos pouquíssimos encontros (minimizados por conta de uma pandemia que mudou tanto nossa rotina) foram importantes para a construção do resultado aqui apresentado. Obrigada Professora!

Para finalizar, quero falar do meu agradecimento às festas religiosas, que sempre me despertaram um imenso encanto, muito, tenho certeza, pela paixão que minha mãe sempre expressou por elas. As tradições aqui, além de ser o tema proposto para o desenvolvimento de uma pesquisa a ser apresentada para a conclusão de um curso é a minha forma de expressar o meu agradecimento à minha família por sempre me apoiar em cada passo que eu decido dar. Obrigada por sempre caminharem ao meu lado.

RESUMO

Este trabalho consiste em pesquisar a respeito das tradições e da invenção das tradições e problematizar questões como, quando e por quais motivos determinadas tradições foram inventadas. Utilizando como objeto de estudo o surgimento e consolidação de determinadas festas religiosas do Estado de Goiás, com o objetivo de contribuir para uma reflexão histórica destes eventos como parte essencial da cultura goiana. Neste sentido serão apresentados dois exemplos de tradições no Estado de Goiás, que são as Cavalhadas de Pirenópolis e a Procissão do Fogaréu da Cidade de Goiás. O historiador Eric Hobsbawn foi utilizado como referencial teórico que permite entender o fenômeno da tradição inventada. Estas festas chamam atenção por seu esplendor, pela quantidade de pessoas que reúnem e pelo tempo que sobrevivem, permanecendo fortes até a atualidade.

PALAVRAS-CHAVE

Tradição inventada, Festas religiosas em Goiás, Cavalhadas de Pirenópolis e Procissão do Fogaréu.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1 – TRADIÇÕES E TRADIÇÕES INVENTADAS	11
1.1 Tradições inventadas	11
1.2 Tradições inventadas no Brasil	15
CAPÍTULO 2 – FESTAS RELIGIOSAS E AS TRADIÇÕES INVENTADAS	17
2.1 Festas religiosas de Goiás	19
2.1.1 Procissão do Fogaréu	20
2.1.2 Cavalhadas de Pirenópolis	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
ANEXOS	37

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem por motivação inicial a necessidade de compreender os motivos pelos quais, ao longo dos tempos, determinadas tradições se estabelecem com força e são capazes de “conquistar” públicos numerosos e durar anos sem perder sua vitalidade, como é o caso das festas religiosas. A decisão por pesquisar a respeito de um tema ligado às “tradições inventadas” se deu a partir da leitura de historiografia sobre o tema, com destaque para o texto “A Invenção das tradições” (HOBBSAWN e RANGER, 1997).

A partir das reflexões que adviram da leitura do texto, ainda no primeiro período do curso de História decidi viajar para assistir pela primeira vez à Procissão do Fogaréu, que acontece anualmente na Cidade de Goiás. Vivenciar essa experiência aguçou ainda mais a curiosidade sobre as tradições, como surgiram, se espontaneamente ou se foram criadas. Daí então a decisão por estudar as tradições inventadas, tendo como foco a origem das festas religiosas no Estado de Goiás.

Como algo se torna tão natural a ponto de não nos questionarmos de onde surgiu? É como se sempre tivesse existido. As pessoas simplesmente fazem parte de um todo que é a tradição, quase que de forma automática, independente do motivo que as levaram a participar. Ouvimos nossos pais e avós falarem ao longo de toda a infância com carinho e empolgação sobre as tradições dos lugares onde viveram, isso acontece porque a memória é marcada pelos costumes.

Mas por quais motivos as tradições são importantes? Os estudiosos sobre o tema afirmam a relevância das tradições nas sociedades para o estudo dos hábitos, memória e da sociedade como um todo, além da sua importância para a convivência em comunidade na vida cotidiana. De acordo com o historiador Antônio Pinheiro:

O conhecimento da tradição transmitida pela memória é importante para o estudo de uma sociedade, no sentido em que guarda a lembrança de fatos e acontecimentos que tiveram importância para um grupo social. Registra-se na memória o que se julga importante preservar, qual seja a origem da cidade onde se vive, o nome de seu fundador ou fundadores, como ela surgiu, o que motivou sua origem. O estudo da tradição inventada relacionada com a origem e a formação social de um povo é, portanto, justificável. As tradições inventadas são sintomas importantes que indicam problemas e fatores que estão na origem destas invenções, e se foram inventadas é porque têm um objetivo e servem a algum interesse. (PINHEIRO, 2010, p. 34)

Nesses eventos, há um fenômeno denominado de “arrepio coletivo”, que se dá ao participar de tradicionais festas religiosas, mesmo que de forma eventual, ou apenas para conhecer. Esse efeito é no mínimo curioso e pode ser uma demonstração do quão sólidas são as ideias que servem como base de sustentação dessas tradições. Alves (1971, p.88), quando escreve sobre o ritual equestre (Cavalhadas) que ocorre na tradicional Festa do Divino em Pirenópolis destaca:

“Ninguém sabe explicar, mas a tradição manda e o povo obedece: ao meio-dia do Sábado, a banda começa a tocar na porta da igreja e a cidade inteira é invadida por bandos de mascarados, galopando em seus cavalos pelas ruas, pelas calçadas, e até mesmo se intrometendo no alpendre de algumas casas” (ALVES, 1971, P.88).

Sabemos que entender o motivo pelo qual se festeja ou como se deu a criação das tradições nem sempre é prioridade para quem está pessoalmente envolvido em uma tradição. A crença e fé no que está sendo representado pode ser um dos principais motivos do envolvimento pessoal nessas tradições, e fazer parte dessas práticas que envolvem os lugares onde as pessoas vivem ou visitam, de certa forma faz com que desenvolvam uma identidade coletiva. Mas como aqui nosso propósito é investigar o surgimento dessas práticas, devemos partir do que consideraremos como tradições inventadas. “Consideramos que a invenção das tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição” (HOBSBAWN, 1997, p.12). As tradições são diferentemente dos costumes, caracterizadas por práticas fixas que dificilmente variam, mesmo tendo em sua criação momentos de adaptações para chegar ao modelo idealizado.

Para a discussão proposta neste trabalho nos utilizaremos do conceito de tradição inventada definido pelo historiador Eric John Ernest Hobsbawm:

“Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.”(HOBSBAWN, 1997, p.9)

Quando analisamos este conceito logo nos vem outro questionamento, para o qual pretendemos levantar algumas hipóteses ao longo dessa discussão, que é: como algo inculcado na população através de repetição pode se adaptar para caber em uma sociedade com constantes mudanças, principalmente em meio a um processo tão grande de modernização? Muitas tradições não conseguem se estabelecer a ponto de perdurar, perdem força ao longo de sua criação ou são simplesmente esquecidas, mas aqui falaremos das que resistem ao tempo e se adaptam às mudanças criando uma continuidade em relação as suas ideias iniciais.

Este estudo pretende conhecer a origem de duas festas tradicionais religiosas do Estado de Goiás. A escolha por duas festas ocorreu exatamente para possibilitar uma comparação entre elas, no que diz respeito a processo de criação e estabelecimento da continuidade. São elas as Cavalhadas que ocorrem durante a festa do Divino Espírito Santo, na Cidade de Pirenópolis e a Procissão do Fogaréu, parte da Semana Santa na Cidade de Goiás. Essas tradições estão entre as principais festas religiosas que compõem o calendário turístico do Estado de Goiás, e chamam atenção pela quantidade de participantes todos os anos e pompa que cercam as apresentações.

No que diz respeito à Procissão do Fogaréu, segundo a tradição oral “a procissão teria sido criada em 1745, por um padre espanhol chamado Francisco Perestello” (SILVA, 2011, p. 219). Sobre o que caracteriza essa festa religiosa a historiadora Mônica Martins da Silva diz:

“Manifestação que compõe um conjunto de eventos da Semana da Santa da Cidade de Goiás (antiga capital do Estado de Goiás) e que se caracteriza pela representação teatral da perseguição de Jesus pelos soldados romanos. O ritual, que atualmente dura em torno de duas horas, na madrugada da quarta para a quinta-feira Santa, é realizado por diversos personagens que se reúnem à porta da antiga Igreja da Boa Morte, hoje museu da Boa Morte, e percorrem um trecho fixo pelas ruas da cidade. Os personagens centrais da trama são chamados de farricocos, 40 homens vestidos de túnicas coloridas e que usam tochas de fogo durante o seu trajeto.” (SILVA, 2011, p.214-215)

Já as Cavalhadas de Pirenópolis de acordo com as tradições locais iniciaram-se em 1826, mas levou um tempo maior para estabelecer uma continuidade.

“A Cavallhada de Pirenópolis, um teatro equestre que ocorre como parte dos festejos do Divino Espírito Santo, cujo texto dramático representa diversas batalhas do personagem cristão Carlos Magno e os Doze Pares de França (que na prática são onze cavaleiros), contra o personagem Sultão da Mauritânia que, com o seu exército, representa os mouros que ocuparam e dominaram a Península Ibérica. O teatro culmina com a derrota dos cristãos sobre os mouros e é caracterizado, em Pirenópolis, como em muitas regiões brasileiras, pela fusão entre o teatro e o jogo, visto que, no último dia de cavallhada, são três no total, os cavaleiros abandonam o ritual e estabelecem uma disputa por melhores habilidades em diversos jogos equestres medievais.” (SILVA, 2011, p.214)

Essas festas religiosas serão aqui analisadas partindo da construção dos eventos que as compõem, que as transformaram ao longo dos anos em tradições muito importantes para a cultura goiana. Esperando com isso levantar informações que nos direcione a entender qual a importância de tais manifestações religiosas e culturais, e como elas têm o poder de modificar a rotina das comunidades que as rodeiam.

CAPÍTULO 1

TRADIÇÕES E TRADIÇÕES INVENTADAS

As tradições podem surgir de maneira espontânea ou serem construídas com um objetivo pré-definido, seja ele para atender necessidades coletivas ou um público em particular. Recorrer ao passado para criar estratégias de manipulação no presente não é algo incomum, pelo contrário, o uso da memória tem grande influência nas relações sociais, e elas são utilizadas constantemente com esta finalidade. O que nem sempre está visível para quem participa de tais tradições. Como exemplo disso tem a fala da Mônica Martins em seu trabalho sobre a Procissão do Fogaréu e as Cavalhadas de Pirenópolis:

“Estas manifestações são, atualmente, algumas das principais festas que compõem o calendário turístico do Estado e, recorrentemente, são utilizadas, sem qualquer problematização, como referências da cultura goiana, como se elas expressassem uma identidade cultural nata e não fossem produto e expressão das escolhas coletivas e das políticas culturais que acompanham a sua elaboração simbólica.” (SILVA, 2011, p. 215)

As tradições que surgem de memórias espontâneas muitas vezes são modificadas, perdendo várias de suas características e ganhando outras que fortaleçam ideias que nada tem a ver com o passado.

1.1 Tradições inventadas

Para trabalharmos as festas religiosas em Goiás antes é importante discorrermos sobre o que consideramos como tradição e tradição inventada, para tal começaremos por abordar a temática referente a memória e as influências que ela possui na construção da tradição, seja ela deliberadamente inventada ou construída naturalmente ao longo dos anos.

A tradição está ligada à memória, seja ela espontânea ou artificial. Aqui tomaremos memória conforme definições do Pinheiro (2010, p.32) como:

“(...) uma propriedade capaz de conservar e armazenar informações. Assim, seria um conjunto de funções psíquicas, com as quais o ser humano poderia trazer ao presente fatos, acontecimentos, impressões e informações que se deram em um passado distante ou imediatamente acontecido.”

Ainda conforme Pinheiro (2010, p.32) a memória pode ser moldada ou controlada conforme necessidades coletivas ou individuais, ela nem sempre é resultado de uma repetição de fatos. A memória também pode ser construída tendo como base releituras diferentes de um determinado fato. Assim como veremos mais a frente, tanto as Cavalhadas como a Procissão do Fogaréu foram reinventadas um longo tempo depois de suas primeiras apresentações de acordo com fragmentos de memórias fornecidos por pioneiros dessas festividades. Essas memórias que resultaram na reinvenção dessas tradições podem facilmente ter sido modificadas ou repensadas tendo base às vivências e necessidades da atualidade, e não só, memórias fidedignas do que realmente foram essas tradições em suas primeiras apresentações.

Seria então a memória um instrumento utilizado para fazer com que tradições se estabeleçam com maior facilidade?

“Da memória, então, fazem um instrumento de dominação, procurando por meio de deturpações e mesmo invenções de tradição, legitimar estruturas existentes, fazendo com que sejam caladas e esquecidas as tradições da memória espontânea de uma determinada sociedade.” (PINHEIRO, 2010, p.34)

Deste modo a invenção de tradições aparece como alternativa para direcionar sociedades conforme objetivos pré-definidos.

“A tradição inventada tem como um de seus objetivos a socialização e a inculcação de idéias visando reconstruir uma nova tradição, valendo-se de um suporte histórico no qual serão inseridos os novos aspectos e o novo enredo que embasará a nova tradição. Sempre, porém, a tradição inventada fará uma ponte ligando-se à questão da identidade grupal, firmando-se e se afirmando justamente no aspecto de identificação com uma comunidade.” (PINHEIRO, 2010, p.34)

É importante observar que a palavra tradição se estabeleceu como um conceito e, por isso, não pode ser confundida com o termo rotina, ao contrário disso, um dos resultados comuns do acontecimento das tradições é a quebra da rotina. Mesmo se tratando de eventos que dificilmente se modificam, por terem como uma de suas principais características a invariabilidade, as tradições inventadas rompem com a

rotina de toda a comunidade que as rodeiam. Normalmente trazendo um colorido diferente às cidades e fazendas, e à população dias de festas, onde o dia a dia é quase que por completo esquecido.

A invenção de tradições não é característica apenas de sociedades tidas como tradicionais, elas ocorrem também em sociedades modernas, e permanecem mesmo diante de tantas transformações. Elas estão presentes em todos os lugares. É nítido que as tradições sofrem modificações para se adaptarem aos diversos momentos e localidades em que se instalam, mas nada que as separe por completo do seu propósito inicial.

Podemos ver muitos exemplos das transformações sofridas pelas tradições, como citado pelo historiador Hobsbawm (1984, p. 15): “As práticas tradicionais existentes - canções folclóricas, campeonatos de ginástica e de tiro ao alvo - foram modificadas, ritualizadas e institucionalizadas para servir a novos propósitos nacionais”. Elas começam a se apropriar de novas linguagens, símbolos e acessórios que as mantêm “atuais” conforme a sociedade se modifica. Nem sempre essas adaptações são perceptíveis para quem participa, pois apesar de acontecerem de forma contínua se instalam aos poucos.

Ainda, para Hobsbawm, as tradições podem ser classificadas em três categorias sobrepostas:

“(...) a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Embora as tradições dos tipos b) e c) tenham sido certamente inventadas (como as que simbolizam a submissão à autoridade na Índia britânica), pode-se partir do pressuposto de que o tipo a) é que prevaleceu, sendo as outras funções tomadas como implícitas ou derivadas de um sentido de identificação com uma “comunidade” e/ou as instituições que a representam, expressam ou simbolizam, tais como a “nação”.” (Hobsbawm 1984, p. 17)

Propor análises das tradições inventadas e das transformações por elas sofridas, e que provocam no dia a dia da sociedade é importante como forma de detecções de problemas e estudo da história da sociedade. Além de que este estudo serve como um medidor das relações humanas com o passado.

“Pode-se observar uma nítida diferença entre as práticas antigas e as inventadas. As primeiras eram práticas sociais específicas e altamente coercivas, enquanto as últimas tendiam a ser bastante gerais e vagas quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações que procuravam inculcar nos membros de um determinado grupo: “patriotismo”, “lealdade”, “dever”, “as regras do jogo”, “o espírito escolar”, e assim por diante.” (HOBBSAWM, 1984, p. 20)

Neste capítulo a invenção das tradições é apresentada como um processo, que normalmente ocorre para a formalização de um ritual, fazendo com que este, mesmo tendo como referência o passado, permaneça e ganhe força ao longo dos anos.

Algumas tradições, mesmo declaradamente inventadas, têm o poder de se estabelecerem muito rápido, diferentes de outras que podem levar anos para se tornarem recorrentes e fazer parte de uma conhecida cultura. Assim como a Procissão do Fogaréu da Cidade de Goiás e as Cavalhadas de Pirenópolis, que como veremos ao longo deste trabalho passaram por um processo de reinvenção que durou décadas, para só então conquistarem a importância que ambas tem na atualidade.

As tradições não estão presentes somente em eventos festivos, também fazem parte e estão presentes em situações do dia a dia, como as tradições orais ou escritas, que são passadas de geração para geração, fazendo com que a memória atravesse centenas de anos, mesmo com inúmeras mudanças sofridas nos costumes ao longo dos anos, conforme as transformações promovidas pela sociedade.

Por qual motivo as tradições são inventadas se sabemos da possibilidade do surgimento de tradições espontâneas, que nascem a partir de memórias, sem qualquer interesse manipulado? Quem nos auxilia a compreender este ponto é o historiador Pinheiro, que sobre o tema esclarece:

“Compreende-se que os interesses estão na raiz das manipulações, e quase sempre são os interesses políticos das mais variadas ordens que se apropriam das tradições, manipulando-as, ou melhor dizendo, reconstruindo-as, de acordo com os interesses próprios que estão na base, na gênese da reconstrução de uma nova tradição. E para isso, usando um termo menos pejorativo, distorcem a tradição espontânea tirando dela apenas alguns aspectos que venham figurar no enredo da tradição inventada.” (PINHEIRO, 2010, p.37)

Mesmo para interesses de manipulação não é interessante perder tudo que é ligado à tradição espontânea, pois características que remetam a ela servem então como uma base legitimadora que faz com que a tradição inventada seja coerente.

Somente partindo de memórias e tradições espontâneas é que se torna possível manipular o imaginário coletivo para invenção de uma tradição, com o objetivo a curto ou longo prazo de dominação.

Partindo dos conceitos aqui trabalhados falaremos na sequência um pouco mais sobre tradições inventadas no Brasil.

1.2 Tradições inventadas no Brasil

Além das festas religiosas, as quais serão destaque neste estudo o Brasil conta também com inúmeras outras tradições que invadem e transformam a rotina dos brasileiros e muitos turistas de outros Países.

Assim como para Hobsbawm (1984, p. 9) trataremos neste texto como tradição inventada, tanto as que foram deliberadamente inventadas e posteriormente institucionalizadas como também das de surgimento remoto ou de maneira desconhecida.

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez. (HOBBSAWM, 1984, p. 9)

Brandão ao falar dos tantos rituais que mesmo sendo recorrentemente repetidos tem o poder se transformarem os dias das cidades que os recebem destaca:

Também no Rio de Janeiro as pessoas atravessam uma noite por ano sobre bancos de madeira e não raro sob a chuva, para assistirem a mais um Desfile de Escolas de Samba, parte da grande festa do Carnaval. Mas na Avenida um mesmo ritual de todo ano compromete-se a mudar em cada desfile: os enredos das escolas, suas músicas, fantasias, alguns componentes e evoluções. Sobre a mesma estrutura, a de uma Escola de Samba, o povo exige mudanças anuais de passos, sons e cores; das formas como tudo isso se combina e, se possível, dos resultados que o público e os juizes atribuem ao que vêem e ao que ouvem de cada escola. (BRANDÃO, 1974, p.2)

Assim, no Brasil, há uma multiplicidade de eventos tradicionais, religiosos e laicos, eventos pelos quais a sociedade espera ansiosamente e participa intensamente, e que fazem parte da memória e da história do País.

CAPÍTULO 2

FESTAS RELIGIOSAS E AS TRADIÇÕES INVENTADAS

Apesar de termos um leque gigante de opções quando falamos de tradições no Brasil, aqui focaremos nas festas religiosas, que como caracteriza Adriana Romeiro tem alguns objetivos bastante similares com as tradições inventadas em geral:

“Momento privilegiado da cultura e sociabilidade barrocas, a festa religiosa era um ritual público, que tanto servia para reforçar laços de solidariedade quanto refletir os valores sociais que pautavam o ordenamento social. A um só tempo profana e religiosa, a festa divulgava as normas a serem seguidas, hierarquizava os lugares sociais, distinguindo uns e excluindo outros. Espaço de lazer e afrouxamento das obrigações sociais, ela também impunha a obediência à Igreja e ao Estado, destacando a proximidade entre população e o sagrado.” (ROMEIRO, 2013, p.192)

As festas religiosas funcionam como um mecanismo de evasão da rotina, onde mesmo com o propósito de aproximar a população do sagrado serve também como um momento de lazer e convivência social. Nelas estão presentes rituais que normalmente obedecem a um modelo geral. Brandão destaca seu entendimento por festa de “um acontecimento de ritualizações”. (1974, p.9) Decorações aparecem por todos os lados e dão às cidades um colorido diferente, as pessoas se alegram, cantam, se emocionam e se tornam parte do espetáculo. A ordem que antes era parte da rotina se transforma numa desordem passageira, até mesmo o ritmo muda durante as festas, regado a músicas, sejam elas religiosas ou não.

“A festa se instala em uma faixa de cotidiano que ela altera como um acontecimento periódico (mas quase nunca rotineiro), ou eventual (em certos casos, único). As alterações do cotidiano pela festa estão circunscritos aos modos como são reorganizadas relações sociais; como são recuperados certos comportamentos “de festa” (normalmente rituais) e como são produzidos em condições sociais excepcionais, novos conhecimentos da/para a sociedade. Os efeitos da festa são mais dirigidos à reprodução da sociedade que à produção de seus bens de consumo.” (BRANDÃO, 1974, p.9)

Nas festas religiosas é comum não só a participação de moradores locais, mas também das cidades e fazendas vizinhas, que participam inclusive da organização dos eventos.

“Os rituais da festa são mensagens que transportam da sociedade para ela própria, significações e preceitos a respeito das estruturas e das relações da sociedade “em festa”. Ora, o ritual simplifica

sobretudo interações sociais, as mesmas que, de outro modo, as pessoas repetem no cotidiano.” (BRANDÃO, 1974, p.5)

As festas religiosas também trazem consigo o poder e a influência da memória, e mesmo sofrendo modificações ainda possuem traços de antigas tradições.

“Algumas das festas religiosas que atualmente movimentam milhões de devotos, por todo o país, são heranças do que foi chamado de religiosidade colonial ou catolicismo popular, enquanto outras foram sendo incorporadas no calendário religioso, ao longo da história brasileira. No entanto, além de se constituírem em um fenômeno de longa duração, são marcadas por um profundo referencial de fé, ainda que os elementos que as compõem sofram influências próprias da região onde são celebradas.” (JURKEVICS, 2005, p. 77)

No Brasil muitas festas religiosas destacam justamente por conseguirem além de transformar a rotina da cidade onde acontece, e das cidades vizinhas, alcançar e atrair público de vários Estados e inclusive de outros Países, tornando-se ao longo dos anos espetáculos mundialmente conhecidos. Como destaca Vera Jurkevics “inúmeras são as manifestações religiosas que, através de festas, novenas, procissões terrestres e fluviais, encenações teatrais, missas e romarias, transformam-se em verdadeiros espetáculos de devoção” (2005, p. 77)

Dentre as festas religiosas do Brasil que reúnem pessoas de todo o País podemos destacar, a festa do Círio de Nazaré em Belém do Pará, Romaria de Bom Jesus da Lapa e a Festa de Iemanjá na Bahia, Festa dos Santos Reis em Pernambuco, e em Goiás a Festa do Divino Pai Eterno, a Procissão do Fogaréu e a Festa do Divino Espírito Santo, onde acontecem as Cavalhadas.

As festas religiosas por mais antigas que sejam também sofrem modificações para se adaptarem às diversas mudanças pelas quais a sociedade passa, mas de acordo com Jurkevics sua essência inicial não muda:

“Esses rituais peregrinatórios, realizados há muito, muito tempo, com algumas poucas alterações, acabaram por adaptar certos hábitos, conforme cada região, demonstrando um dinamismo próprio, mas sem abrir mão de sua principal essência: a fé genuína, espontânea e popular.” (JURKEVICS, 2005, p. 77)

Mesmo se tratando de eventos religiosos, as festas também possuem músicas, representações, e inúmeras outras características que não são ditadas pela liturgia.

Isso porque ao longo dos tempos as festas foram se modificando para manter o envolvimento do público, alcançando ao longo dos anos um número cada vez maior de adeptos.

“Se é possível verificar um intenso trânsito entre o sagrado e o profano, nas muitas manifestações religiosas, nas festas, essa circularidade é contínua e de grande visibilidade. Fazem parte do que a Igreja conceitua como religiosidade popular, uma vez que não são prescritas pela liturgia, mas são celebradas, através de ritos, objetivando o encontro dos homens com o mundo espiritual e sagrado.” (JURKEVICS, 2005, p. 85)

As festas que possuem destaque no Estado de Goiás, das quais falaremos no próximo tópico, demonstram várias dessas características, pois foram inventadas e reinventadas de forma a chamar a atenção do público, para que além de servir como meio de aproximação do homem com o sagrado, fossem também fonte de atenção do público em geral.

2.1 Festas religiosas de Goiás

As festas religiosas sempre tiveram bastante importância no Estado de Goiás. Leandro Rocha trata esses festejos como um dos pontos centrais na vida em Goiás quando fala dos períodos pré-colonial e colonial.

“Boa parte da vida na capitania organizava-se em torno dos valores cristãos. A vida social era regida pelos ritos e pelo calendário religioso. As comemorações religiosas marcavam profundamente os momentos de socialização e de convivência social, tomados como ocasiões de reafirmação dos valores cristãos.” (ROCHA, 2001, p.63)

Ao definir festas, pensando nas sociedades rurais do Centro Oeste brasileiro Brandão destaca:

“(…) acontecimentos sociais de envolvimento parcialmente coletivo que geralmente observam uma frequência cíclica ou sazonal; que produzem uma ruptura com a rotina seqüente da “vida social”; que criam comportamentos sobretudo rituais, logo expressivos, e relações interativas de forma e efeito diverso dos de períodos longos de rotina. São festas em Goiás, as comemorações dos Santos Padroeiros das cidades, as grandes e pequenas romarias, as festas de “comemoração geral” como as do ciclo junino, as festas cívicas e

algumas festas eventuais, como uma festa “do carreiro de boi” que foi organizada uma única vez em Mossâmedes em 1965” (BRANDÃO, 1974, p.3-4)

Com o passar dos anos, as festas religiosas em Goiás tiveram inúmeras transformações, sejam elas tímidas ou expressivas, mas o que não mudou foi a importância que se dá a esses eventos por aqui. Seja no meio rural ou urbano as festas religiosas fazem parte do cotidiano.

Procissões, folias, novenas, romarias, cavalhadas, congadas, e tantas outras manifestações religiosas e culturais têm um espaço importante na vida e história goiana. Tais festas são moldadas para atender as necessidades de cada região, mas nunca se afastando dos objetivos de sua criação. Como destaca Jurkevics:

“Esses rituais peregrinatórios, realizados há muito, muito tempo, com algumas poucas alterações, acabaram por adaptar certos hábitos, conforme cada região, demonstrando um dinamismo próprio, mas sem abrir mão de sua principal essência: a fé genuína, espontânea e popular.” (JURKEVICS, 2005, p. 85)

E é para mostrar essas tantas modificações que escolhemos para tratar aqui de duas festas reinventadas ao longo do caminho, com o propósito de se tornarem tradições duradouras, que são como já mencionadas a Procissão do Fogaréu e as Cavalhadas de Pirenópolis. Ambas responsáveis por atrair um público numeroso que modifica a rotina das Cidades que funcionam como palco destes espetáculos.

2.1.1 Procissão do Fogaréu

A procissão do Fogaréu acontece anualmente na Cidade de Goiás durante a Semana Santa, um ritual baseado na liturgia da Igreja Católica que acontece após o fim da Quaresma (tem início no Domingo de Ramos). “Estende-se para essa semana as penitências quaresmais e o intenso foco no sacrifício de Cristo. A proximidade da Páscoa marca a lembrança e representação da morte de Cristo.” (ROSA, 2016, p.111) Desde os anos iniciais da Cidade de Goiás, ainda no século XVIII, denominada na sua fundação de Arraial de Sant’Ana e posteriormente Vila Boa de Goiás, as festividades da Semana Santa sempre tiveram um destaque especial tanto pela beleza estética como simbólica dos rituais que a envolviam.

A Procissão do Fogaréu se caracteriza por uma encenação da perseguição dos soldados romanos a Cristo, festividade esta que tem origem européia. Referente a essas origens Brito destaca: “Repositório de memórias da Península Ibérica que se espalharam pelas cidades coloniais brasileiras e que encontraram porto seguro no sertão de Goiás” (2008, p. 129). Para Rosa (2016, p.112) a importância da Procissão do Fogaréu que faz dela na atualidade o ponto alto da Semana Santa na Cidade de Goiás é reforçada por características como “sua estética impactante, seu ritmo intenso, o seu movimento célere pela cidade, o seu mote: prender Cristo.”

Segundo a tradição oral, “a procissão teria sido criada em 1727, por um padre espanhol chamado Francisco Perestello” (SILVA, 2011, p. 219). Apesar de alguns estudiosos discordarem com relação ao ano de início dos eventos dos quais faria parte a Procissão do Fogaréu todos são unânimes em afirmar sua origem setecentista.

Faria (2006), por exemplo, cita como ano de início das festividades o mesmo em que o Padre Espanhol João Perestello de Vasconcelos Spínola tornou-se vigário na Capital da Província de Goiás, “fundou no mesmo ano a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos. Este sacerdote introduziu nas festividades do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores uma espécie de alegorias, com especial atenção a Semana Santa” (FARIA, 2006, p. 36).

A Procissão do Fogaréu possui algumas características próprias, como a de ser uma representação teatral encenada em movimento, durante um trajeto que passa por inúmeras igrejas da Cidade, com personagens pré-estabelecidos, que possuem indumentária própria. Trata-se de uma encenação da perseguição dos soldados romanos a Cristo. Referente às características dessa encenação a historiadora Mônica Martins da Silva destaca:

“Manifestação que compõe um conjunto de eventos da Semana Santa da Cidade de Goiás (antiga capital do Estado de Goiás) e que se caracteriza pela representação teatral da perseguição de Jesus pelos soldados romanos. O ritual, que atualmente dura em torno de duas horas, na madrugada da quarta para a quinta-feira Santa, é realizado por diversos personagens que se reúnem à porta da antiga Igreja da Boa Morte, hoje museu da Boa Morte, e percorrem um trecho fixo pelas ruas da cidade. Os personagens centrais da trama são chamados de farricocos, 40 homens vestidos de túnicas coloridas e que usam tochas de fogo durante o seu trajeto.” (SILVA, 2011, p.214-215)

A procissão do Fogaréu é um espetáculo religioso e cultural que acontece em movimento pelas ruas da Cidade de Goiás, acompanhada por grande parte da população e pelos turistas. Trajeto este percorrido em sua maior parte em ritmo intenso. E como na maioria das procissões, o trajeto é sempre o mesmo, passando por locais previamente definidos.

A Procissão do Fogaréu tem como personagem de destaque os farricocos, para a Historiadora Keley Carneiro “nem a beleza das tochas na escuridão, nem o toque dos tambores ou do clarim, nem a dramatização supera a marcante presença dos farricocos” (2005, p.76). Os farricocos na procissão representam os soldados romanos, os perseguidores responsáveis pela prisão de Cristo, são eles 40 homens, número este que faz referência à quantidade de dias da quaresma. Vestidos com túnicas coloridas, com as cabeças cobertas por capuzes em forma de cone na mesma cor das túnicas, com faixa na cor bege amarrada a cintura, pés descalços e que carregam ao longo de todo o trajeto tochas de fogo, que juntamente com as tochas menores carregadas pela população formam a iluminação das ruas percorridas. “O vestuário de cores fortes dos farricocos, a cidade às escuras, iluminada apenas pelas tochas, fazem com que Goiás adquira um cenário de imagem inigualável.” (CARNEIRO, 2005, p.78)

Ao descreverem a procissão, os historiadores afirmam que na noite da quarta-feira santa, os farricocos juntamente com os moradores da Cidade de Goiás e Turistas, se concentram em frente ao Museu de Arte Sacra (Igreja da Nossa Senhora da Boa Morte) nas proximidades da praça principal da cidade, a Praça do Coreto, para aguardar a hora de dar início a procissão. Às 00:00 horas da quinta-feira santa, a iluminação pública da Cidade é apagada, e, ao som dos tambores e luzes das pequenas tochas distribuídas aos participantes, a procissão se inicia.

Os farricocos descalços e em ritmo acelerado, iluminam as ruas com suas grandes tochas, atravessam a ponte sobre o Rio Vermelho e vão fazer sua primeira parada na porta da Igreja Nossa Senhora do Rosário, onde estaria sendo realizada a última ceia, mas encontram a mesa já desfeita. Neste momento, o rufar dos tambores diminui, e é realizada a primeira pregação religiosa (realizada pelo Bispo da Cidade). Em seguida, avançam pela Rua da Abadia, atravessam novamente o Rio Vermelho, em direção ao Jardim das Oliveiras, representado pela Igreja de São Francisco de Paula. Já em frente à igreja, um dos farricocos, portando um estandarte de linho pintado em duas faces (antes era usada a obra do artista plástico Veiga Valle,

atualmente substituído por outro, obra de Maria Veiga) que simboliza Jesus Cristo, anuncia ao som de um clarinete (tocado por outro farricoco) a prisão de Jesus Cristo. É realizada então uma pregação onde uma voz anuncia a prisão de Jesus. Esta é a última parada da procissão e, após o anúncio da prisão, momento de silêncio e muita emoção por parte dos expectadores, participantes e turistas. Ao finalizar, os farricocos são acompanhados de volta à Igreja da Boa Morte, encerrando assim a procissão no mesmo lugar onde foi iniciada.

“As procissões são, principalmente, circulares, seu trajeto não inclui “cruzamentos”, ou seja, as rotas de procissão não passam duas vezes pelo mesmo local, cruzando-os duas vezes, e geralmente simbolizam um ciclo de ida e volta, um movimento de retorno ao estado anterior, simbólico do ciclo religioso da vida: “do pó veio, ao pó tornarás” (Gn. 3, 19).” (SILVA, 2016, p.214-215)

Se hoje o ritual tenha se tornado uma tradição que conta com um numeroso grupo de adeptos e admiradores, a Procissão do Fogaréu teve em seus anos iniciais momentos de quase esquecimento. Retomando suas forças ou sendo reinventada e tendo sua consolidação, a partir da fundação da Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT) em 1965. Essa organização aparece como a responsável juntamente com a Igreja Católica por uma nova roupagem, possibilitando com a construção de enredos e dos personagens da procissão que ela tenha além de um lado religioso e cultural, características exuberantes que possibilitaram posteriormente o crescimento do turismo na região. As motivações que levavam as pessoas a participar da Procissão do Fogaréu deixam de ser somente religiosas e passam a ser também culturais. Mas essa reinvenção não se deu somente por interesses turísticos, segundo Rosa:

“O Fogaréu não é mero espetáculo, mas uma reinvenção de memórias antigas e por isso tem o seu valor intrínseco, relacionado ao imaginário religioso vilaboense, não se caracteriza exatamente por ser invenção turística, e nem para turistas. Seu potencial turístico é explorado sim, mas foi feito por vilaboenses, a partir de sua história e é um memorial de suas tradições religiosas importantes. (ROSA, 2016, p.122)

Esta procissão é relevante para a história e memória da região, visto possuir elementos históricos interessantes. De acordo com Brito:

“É possível reconhecer na Procissão do Fogaréu de Goiás alguns elementos que possuem uma continuidade histórica suficiente para que possamos considerá-los essenciais á celebração. Alguns estão presentes desde as origens, outros foram incorporados á tradição de forma que é impossível imaginá-la sem eles. Em algumas cidades brasileiras, por exemplo, o Fogaréu é realizado sem a presença dos farricocos. Já os moradores de Goiás, provavelmente, não o conceberiam sem estes personagens. Também não imaginariam as luzes da cidade acesas ou o ambiente sem a fumaça do querosene maculando a lua cheia na madrugada do dia de Endoenças. Para muitos, o Fogaréu é o retorno à terra natal, o reencontro com familiares, amigos e a cidade umbilical. Há os que o consideram como uma oportunidade de comunhão, fé e autoconhecimento. Outros apreciam apenas seu aspeto estético, como moinho do tempo que marca a alegoria dos gestos e o clímax da Semana Maior. Mas independente do interesse, o percurso dos farricocos já está grafado na memória.” (BRITTO, 2008, p.02)

Tendo sido reinventada por intermédio de grupos voltados à cultura, a Procissão do Fogaréu é realizada desde então pela Organização Vilaboense de Artes e Tradições, porém conta com a colaboração de voluntários ligados ou não a organização. Quanto ao desaparecimento da tradição por anos Carneiro destaca:

“Interessante destacar que são somente alguns integrantes da OVAT que afirmam o desaparecimento da Procissão do Fogaréu. De acordo com depoimento da Profa. e artista Goiandira Aires do Couto e de Frei Marcos esta Procissão nunca acabou por completo. Recordam que viam seus pais preparando as tochas com cera de abelha para a Procissão do Fogaréu. Eram crianças, portanto, não assistiam. Goiandira ainda afirma que antes da Procissão com os farricocos, como é hoje, saiam apenas uns 5 homens vestidos normalmente com tochas nas mãos correndo pelas ruas, representando a perseguição a Cristo. Ela confirmou que mesmo sendo muito fraca, a Procissão nunca desapareceu por completo.” (CARNEIRO, 2005, p.63)

Nos dias atuais as festividades da Semana Santa como um todo e em especial a Procissão do Fogaréu, considerada o ponto alto dos eventos, atrai um grande fluxo de turistas para a Cidade de Goiás o que movimenta bastante os setores comerciais e de serviços da região, ao mesmo tempo em que renova a fé e as tradições da sociedade.

Canção por Pirenópolis

*Quero nesta canção falar de amores
E das saudades que tenho guardadas em
meu coração
Gentes, perfumes de encarnadas rosas
ébricas de olores
Que vão enchendo a minh`alma triste de
tanta emoção.*

*Festa do Divino ao tanger do sino
E as cavalhadas tão engalanadas
E as Pastorinhas tão bonitinhas querendo
cantar
E em noite de lua, cantam pela rua, lindas
serenatas
São os trovadores que por seus amores
vivem a soluçar.
[...]
(Eliodório Pereira Oliveira)*

2.1.2 Cavalhadas de Pirenópolis

Trataremos a seguir das Cavalhadas que acontecem anualmente na cidade de Pirenópolis, durante a festa religiosa do Divino Espírito Santo.

Fundada em 1727 como um pequeno arraial, Pirenópolis tinha o nome de Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte (nome inspirado em uma enchente que derrubou parte da ponte do Rio das Almas que passa pela Cidade). Foi criada como um acampamento de garimpeiros e teve seu crescimento ligado ao garimpo. Em 1890, seu nome oficial passou a ser Pirenópolis, uma homenagem a serra dos Pireneus, que cerca toda a cidade. Pirenópolis foi tombada pelo (IPHAN) Instituto do Patrimônio Histórico Nacional em 1988.

Assim como a Cidade de Goiás, a Cidade de Pirenópolis também tem uma festa religiosa que se destaca e interrompe a rotina dos moradores por sua grandiosidade e riqueza de detalhes. “Há dias, às vezes uma semana, às vezes um pouco mais, em que uma sociedade rural interrompe a sua rotina e se transforma em festa.” (BRANDÃO, 1974, p.02)

A festa do Divino Espírito Santo acontece em Pirenópolis desde 1819, durante as comemorações de Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa (normalmente se dá nos meses de Maio ou Junho). Durante todo o período de festa acontecem diversos eventos como: as folias (que percorrem a Cidade e fazendas próximas), novenas, missas cantadas, alvoradas, desfiles das bandas de música, queima de fogos, congadas, bailes, e como destaque para marcar o encerramento da festa trás as Cavalhadas, uma encenação de batalhas medievais entre mouros e cristãos que inicia do domingo de Pentecostes e vai até a terça-feira seguinte.

De acordo com as tradições locais as Cavalhadas de Pirenópolis não tiveram seu início no mesmo momento em que a festa do Divino Espírito Santo passou a fazer parte do calendário anual de festividades da cidade. Seus primeiros registros datam de 1826, e mesmo depois da primeira cavalhada, esta não se tornou parte fixa da festa. Levou-se um tempo maior para estabelecer uma continuidade (sua segunda realização se deu apenas em 1833 e a terceira em 1850) e ainda mais tempo para tornar-se uma das atrações principais da Festa do Divino Espírito Santo, como é vista nos dias atuais.

Conforme Silva (2011, p. 139) destaca, essa ausência da representação teatral, até o início do século XX, se dava pela dificuldade de encontrar investidores e pessoas dispostas a se comprometerem com os trabalhos que antecediam a festa para possibilitar um grande espetáculo (como confecção das roupas dos cavaleiros e indumentárias dos cavalos), dependendo então da vontade de políticos, fazendeiros locais e até mesmo dos próprios festeiros, que nos dias de hoje ainda tem grande importância na realização da festa. A falta de um grupo fixo de cavaleiros que já sabiam como conduzir as apresentações também dificultava a recorrência das cavalhadas, que como até então não era vista como parte indispensável dos festejos de pentecostes acabava por ser deixada de lado por anos.

Monica Martins Silva (2001, p.06) quando cita em seu trabalho uma entrevista com João José, de 91 anos, um dos pioneiros da cavalhada e morador da cidade de Pirenópolis, realizada em Junho de 1998, diz que a partir de 1930 a procissão precisou ser recriada, pois o espaçamento entre a realização das cavalhadas era tamanho que a maioria já não se lembrava mais dos detalhes de como montar a atração. Sendo os pioneiros que ainda restavam das cavalhadas os responsáveis por sua reinvenção, passando pacientemente por todos os passos da representação e recriando cada detalhe. Nos depoimentos citados por Silva não fica claro o período em que as cavalhadas tornaram-se recorrentes.

"(...) sendo que alguns apontam os anos de 30 e outros os anos 40. De fato, a partir desses anos a cavalhada será gradativamente estruturada e recriada. Esse processo irá culminar nos anos 50 e 60, período que coincide com importantes alterações no espaço urbano local." (SILVA, 2001, p.7)

Em 1942, mesmo não sendo ainda anuais, as cavalhadas de Pirenópolis se mostraram parte importante da festa do Divino e também da cultura de Pirenópolis, ao ser a representação convidada a fazer parte da programação da cerimônia de batismo cultural da cidade de Goiânia como nova capital do Estado. Somente na década de 1960 é que as Cavalhadas de Pirenópolis se tornaram parte fixa da Festa do Divino, com recorrência anual.

"No plano nacional desde os anos 1930 o Brasil passava por uma reconfiguração da cultura e da identidade nacional. Assim como as Cavalhadas de Pirenópolis, outras festas de cunho regional passavam a ser valorizadas por institutos e organizações culturais muito conhecidas por folclóricas. Em Goiás foi criado o Instituto Goiano de Folclore em 1964." (SILVA, 2001, p.143)

De acordo com o historiador, a festa possui uma narrativa própria, que remonta aos tempos medievais, de característica bélica:

"A Cavalhada de Pirenópolis, um teatro equestre que ocorre como parte dos festejos do Divino Espírito Santo, cujo texto dramático representa diversas batalhas do personagem cristão Carlos Magno e os Doze Pares de França (que na prática são onze cavaleiros), contra o personagem Sultão da Mauritânia que, com o seu exército, representa os mouros que ocuparam e dominaram a Península Ibérica. O teatro culmina com a derrota dos cristãos sobre os mouros e é caracterizado, em Pirenópolis, como em muitas regiões brasileiras, pela fusão entre o teatro e o jogo, visto que, no último dia de cavalhada, são três no total, os cavaleiros abandonam o ritual e estabelecem uma disputa por melhores habilidades em diversos jogos equestres medievais." (SILVA, 2011, p.214)

Brandão destaca a complexidade das Cavalhadas, como a existência de diferentes cavaleiros, que se dividem em personagens que participam das batalhas, os Cavaleiros Mouros e Cristãos e outros que transitam pela cidade, denominados de Mascarados.

"As primeiras formas rituais das Cavalhadas são apresentadas ainda na rua, a partir do domingo. Antes de os cavaleiros mouros e cristãos chegarem ao campo de futebol especialmente preparado para os três dias de Cavalhadas, aparecem os Mascarados. Os Cavaleiros se reúnem ao som de um tambor e juntos vão para o campo. Logo após o almoço do domingo, vários mascarados a cavalo começam a percorrer as ruas da cidade, sozinhos ou em grupos. Os cavalos são profusamente enfeitados com flores de papel e, em alguns casos, com fitas coloridas. Quase sempre trazem penduradas à frente, algumas

latas ou vários pequenos poliques que produzem um “barulho ele mascarados” quando trotam ou galopam. Os mascarados têm todos um atributo comum: usam máscaras que lhes cobrem não só o rosto como toda a cabeça. Usam roupas em geral coloridas, alguns com uma ou outra peça feminina. As roupas lhes cobrem todo o corpo, de modo que é quase impossível reconhecer a um mascarado, a não ser por seu cavalo, quando o dono não o “troca” com algum outro companheiro.” (BRANDÃO, 1974, p.36)

Mesmo os mascarados tendo se tornado parte fixa do espetáculo das Cavalhadas segundo Brandão “Não houve uma só pessoa na cidade de Pirenópolis que soubesse explicar a forma e as razões das origens dos mascarados durante os três dias de Cavalhadas.” (1974, p.36)

Tudo na festa é muito enfeitado “os enfeites dos cavalos e as roupas dos cavaleiros que são reconhecidos pelo zelo e luxo em algumas Cavalhadas do Sul, em Pirenópolis chegaram possivelmente a um nível não repetido em outras cidades do Brasil.” (BRANDÃO, 1974, p.36) As roupas são refeitas cuidadosamente ano após ano pelas mãos ágeis das costureiras da cidade (cuidado este, também passado de geração em geração). As roupas antigas são usadas para confeccionar as novas, que são sempre bordadas a mão, bordados estes que chegam a ter mais de 50.000 lantejoulas cuidadosamente posicionadas, formando inclusive imagem do Divino Espírito Santo, padroeiro da festa.

As roupas dos cristãos, assim como dos seus cavalos são na cor azul e a dos mouros na cor vermelha. Brandão as descreve estas vestimentas da seguinte forma:

“Os cavaleiros cristãos usam roupas e chapéus semelhantes aos de milicianos, mas com peças de veludo, de que a mais luxuosa será uma capa usada pelo rei cristão (de forma errada, segundo o Sr. Ataliba, já que apenas os mouros devem usar capas). Os mouros têm sobre as cabeças uma espécie de fino casquete de veludo vermelho com enfeites de prata e ouro. A vestimenta é bastante variada e luxuosa se comparada com os cristãos. Usam calças e vestes de veludo vermelho com muitos enfeites dourados e prateados e plumas brancas. Todos têm capas igualmente vermelhas e com bordados. O rei cristão e seu embaixador usam chapéus de duas e três pontas. O rei mouro tem um capacete dourado de tipo romano. Todos, invariavelmente, possuem três armas: uma lança (a única decorada com cores e fitas), uma espada e uma pistola (que substitui as garruchas de antigamente). (BRANDÃO, 1974, p.36)

Tanto os cavalheiros como todos os envolvidos no preparativo da festa se sentem honrados e se dedicam ao máximo para construir um espetáculo cada vez mais pomposo.

De acordo com Brandão, tudo se repete todos os anos, as mudanças na festa quando ocorrem são pequenas, mas mesmo assim toda a rotina da cidade é modificada, tudo se transforma ao longo dos dias de festa.

“As pessoas das grandes cidades, acostumadas à experiência do novo e do renovado em sua própria vida urbana e modernizada, dificilmente poderiam compreender a necessidade e a insistência do retorno anual de uma mesma Cavallhada que repete durante três tardes e há mais de cento e cinquenta anos, os mesmos galopes, as mesmas falas e os mesmos resultados.” (BRANDÃO, 1974, p.36)

É como se as fazendas se juntassem à cidade como um único corpo, empenhado na realização de inúmeros festejos. Não é algo simplesmente encenado, é algo que é vivido pelos moradores da cidade e arredores. Nas cavallhadas são 12 cavaleiros mouros e 12 cristãos, encenando um teatro que raramente tem algumas tímidas mudanças e que tem todo ano o mesmo resultado, os mouros rendidos, convertidos e batizados pelos cristãos. “E todos sabem disso há pelo menos 150 anos” (BRANDÃO, 1974, p.3). Toda a festa acontece ao som de músicas já consideradas tradicionais. É intrigante pensar que a mudança na rotina de dias sempre iguais é causada por um evento que tem como característica principal a invariabilidade.

Nas Cavallhadas são as mesmas as fantasias. São também as mesmas músicas que o povo prefere ter cada vez mais tradicionais. São também iguais as carreiras e, sobretudo, é secularmente igual o resultado. Os cristãos sempre ganham. Os mouros perdem, convertem-se e são batizados. E todos sabem disso há pelo menos 150 anos. Mas se o efeito da festa consiste em conservar os seus rituais, todo ano ela quebra com a repetição deles, os dias infinitamente iguais de rotina. Situações novas são produzidas no comportamento de pessoas e de grupos e impressiona a alguns pesquisadores que o dinheiro custosamente ganho nos dias de trabalho seja consumido na festa com tão forte pressa e tão pequenos resultados. (BRANDÃO, 1974, p.3)

As Cavallhadas de Pirenópolis duram três dias e as apresentações são divididas em dois momentos, nos dois primeiros dias acontecem as representações das lutas entre mouros e cristãos e no último dia acontece uma encenação de um

jogo entre duas equipes concorrentes. “O rito e o jogo se separam nitidamente para poderem compor juntos um só tipo de ritual dentro da festa do Divino Espírito Santo.” (BRANDÃO, 1974, p.15)

Nos dias de Cavalhadas o espetáculo tem início nas próprias casas dos cavaleiros:

“Pelo menos uma hora antes do início das atuações no campo, um tamboreiro solitário passa pelas ruas da cidade emitindo três toques cadenciados, e mais três iguais após uma pequena pausa. 13 Ele vai à casa dos Cavaleiros como se os conclamasse com os seus toques para o “campo de lutas”. Este mesmo tamboreiro — um homem que executará este papel ano após ano até envelhecer, quando passará a tarefa a um filho seu — estará durante todo o tempo das Cavalhadas do lado oposto do campo, e, com o mesmo toque, marcará a cadência do galope dos Cavaleiros.” (BRANDÃO, 1974, p.36)

Os cavaleiros, tanto representantes dos cristãos como mouros vão saindo das suas casas, já montados em seus cavalos, e indo ao encontro dos demais, começando pelos que ficarão posicionados ao final da fila ao chegarem do local da apresentação. Assim fazem até irem todos à casa do rei, que se junta ao grupo e os conduz para chegarem juntos à entrada do campo “os cristãos pela entrada à direita das autoridades, os mouros pela à esquerda” (BRANDÃO, 1974, p.36)

A banda de música integra o espetáculo nos três dias, com um papel importante, mantendo posição no palanque ao lado das autoridades. De onde comanda a entrada das duas equipes que então dão início à encenação.

“Depois que os vinte e quatro cavaleiros estão alinhados, doze de cada lado, a partir dos reis e até aos “cerra-fila”, o cenário está pronto e é então iniciada a “Histórica Refrega entre Mouros e Cristãos”. Durante duas tardes as “tropas” de cristãos e mouros representarão, com seus desafios e carreiras, a memória de lutas travadas entre Carlos Magno e os Sarracenos, e que hão de terminar, no final da segunda tarde, com a rendição, conversão e batismo dos mouros. Durante a última tarde o “rito” “transforma-se em jogo” e as equipes passam a viver uma competição real de final imprevisto e possibilidade de ganho para qualquer uma das equipes.” (BRANDÃO, 1974, p.38)

Ao final das cavalhadas, assim como na Procissão do Fogaréu tem também as Cavalhadas das crianças, conhecida como Cavalhadinha, onde os cavaleiros, montados em seus cavalos de pau dão um show à parte. A festa envolve quase toda

a população da cidade, e muitos de cidades vizinhas. A maioria trabalha por meses nos preparativos, e outros investem o ano todo em trabalhos relacionados a festa.

A tradição movimenta positivamente o turismo na cidade. Mas isso nem sempre foi bem aceito pela Igreja, pois antes a cidade de Pirenópolis não tinha a infraestrutura que possui hoje para receber os turistas, como relata Mônica Silva, "A Igreja, em seus registros, documentava a sua insatisfação com o grande número de pessoas que aparecia na cidade, contribuindo para profanizar ainda mais os festejos do Divino." (SILVA, 2001, p-157) Por este e outros motivos, como a necessidade de tornar uma tradição duradoura são tão necessárias as transformações e as vezes, como vimos, reinvenções das tradições, para torná-las adaptáveis às necessidades das comunidades que as recebem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me propus a pesquisar sobre o tema tradições e selecionei como base da pesquisa a Procissão do Fogaréu e as Cavalhadas de Pirenópolis, eu sequer imaginava que encontraria nas duas tantas semelhanças, a começar pelo fato de ambas terem sido reinventadas ao longo dos seus processos de consolidação. Além disso, tem também a coincidência ou não, de que as duas não são o todo da festa da qual fazem parte, ao contrário disso são um trecho da festa que no início não era nem

mesmo recorrente. Só com o passar dos anos e após tantas transformações sofridas se tornaram além de regular, essenciais, e porque não dizer, o apogeu das festas de que fazem parte, que é como já sabido a Semana Santa da Cidade de Goiás e a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis.

As transformações nas festas religiosas acontecem por inúmeros motivos, sendo por vontade das pessoas envolvidas diretamente com sua criação, como por motivos sistemáticos, pois como falado muitas vezes “as festas deveriam se adequar ao turismo” mesmo que isso contrariasse a opinião da igreja ou dos folcloristas. (SILVA, 2001, p-153) As festas além de cumprir seu papel religioso, precisa ser agradável aos olhos e ter potencial para atrair cada vez mais adeptos.

As tradições inventadas se mostraram aqui como parte fundamental da vida em sociedade, isso muito por estarem intimamente ligadas à memória, mesmo não sendo está sempre espontânea. Mas também por servirem como uma ligação tanto entre a população e o Divino, como entre a comunidade em si. Céline Spinelli quando fala sobre as Cavalhadas de Pirenópolis trás a seguinte descrição, que como conclusão do que aqui foi trabalhado, entendo que poderia tranquilamente retratar também os efeitos da Procissão do Fogaréu.

“Trata-se efetivamente de uma festa religiosa, através da qual se constitui uma noção de pertencimento coletivo a uma comunidade de fiéis, traço que identifica os participantes da festa entre si, de modo a que possam se sentir “em harmonia”. Os valores encenados e vividos através da festa também estão relacionados com a dimensão familiar, marcante na produção e experiência do momento festivo. O ato de compartilhar os dias de festa entre parentes e amigos é um dos principais sentidos atribuídos à tradição festiva; é um dos motivos para sua longa duração na cidade.” (SPINELLI, 2010, p.70)

Seria este então além do motivo pelo qual duram centenas de anos, também o motivo de gerar nas pessoas o tal “arrepio coletivo” mencionado ainda no início deste texto? Uma sensação de pertencimento que as festas tradicionais certamente despertam.

Para finalizar, gostaria de lembrar que após anos ininterruptos do acontecimento das tradições aqui trabalhadas, nos anos de 2020 e 2021 essas assim como incontáveis outras festas religiosas, foram impossibilitadas de acontecer devido ao contexto da pandemia do novo Coronavírus. O que nos deixa uma questão em aberto. Será que após essa brusca e não programada interrupção e após todas as

enormes mudanças sofridas por todo o País teremos pela frente a necessidade de novas adaptações ou mesmo reinvenções para manter as tradições nos mesmos patamares em que se encontravam antes da pandemia? Pergunta esta para a qual só teremos resposta daqui ha alguns anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Luiz Antônio. **Pirenópolis: festa do Divino**. Cultura, Brasília: Ministério da Educação e Cultura, ano I, n. 2, p88, abr./jun., 1971.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis**. Goiânia: Oriente. 1974.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida/São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

BRITTO, Clovis Carvalho. **Luzes e Trevas: Itinerários da Procissão do Fogaréu em Goiás**. Trabalho apresentado na 26.^a Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008. Disponível em:

http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2013/clovis%20britto.pdf. Acesso em 02/03/2021.

CARNEIRO, Keley Cristina. **Cartografia de Goiás: patrimônio, festa e memórias**. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/CARNEIRO_Keley_Cristina.pdf. Acesso em 03/03/2021.

CHAUL, NasrFayad, RIBEIRO, Paulo Rodrigues (Orgs.). **Goiás: identidade, paisagem e tradição**. Goiânia: Ed. da UCG, p. 143 – 157, 2001.

CLAVAL, Paul. **A festa religiosa**. Ateliê Geográfico, v. 8, n. 1, p. 6-29, 2014.

HOBBSAWM, Eric, RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JURKEVICS, Vera Irene. **Festas religiosas: a materialidade da fé**. História: Questões & Debates, v. 43, n. 2, 2005.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. In: ROCHA, Leandro Mendes (Org.) **Atlas histórico: Goiás pré-colonial e colonial**. Goiânia: Editora do CECAB, p. 63, 2001.

PINHEIRO, Antônio Cesar Caldas. **Os tempos míticos das cidades goianas: mitos de origem e invenção de tradições**. Goiânia: Ed. Da UCG, p. 33-39, 122-125, 2010.

ROCHA, Leandro Mendes (Org.). **Atlas histórico: Goiás pré-colonial e colonial**. Goiânia: Editora do CECAB, p. 63, 2001.

ROMEIRO, Adriana / BOTELHO, Ângela Viana. **Dicionário histórico das Minas Gerais: período colonial**. 3. Ed. Ver. e ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.192 – 196, 2013.

ROSA, Rafael Lino. **Dor e sacrifício: o imaginário religioso católico vilaboense**. 2016. 238f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

Disponível em:

<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3587/2/RAFAEL%20LINO%20ROSA.pdf>. Acesso em 15/03/2021.

SAID, Edward. **Fora de lugar: memórias**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SILVA, Mônica Martins da. **As Cavalhadas de Pirenópolis: Um estudo sobre sociedade, festas e espaço urbano (1940-1988)**. História Revista, v. 6, n. 1, 2001.

Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4852163>. Acesso em: 01/02/2021.

SILVA, Mônica Martins da. **As festas populares e a “invenção” das tradições: uma reflexão sobre as cavalhadas e a procissão do fogaréu em Goiás (1940-1980), Patrimônio e Memória**.UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 212-230, jun. 2011.

SOUZA, Ana Guiomar Rêgo. **O pulsar dionisiaco na Procissão do Fogaréu – Cidade de Goiás**.ANPUH, XXIII Simpósio Nacional de História, Londrina, 2005. Disponível em:<https://docplayer.com.br/52591479-O-pulsar-dionisiaco-na-procissao-do-fogareu-cidade-de-goiasana-guiomar-rego-souza-ufg-ppg-unb.html>. Acesso em: 01/02/2021.

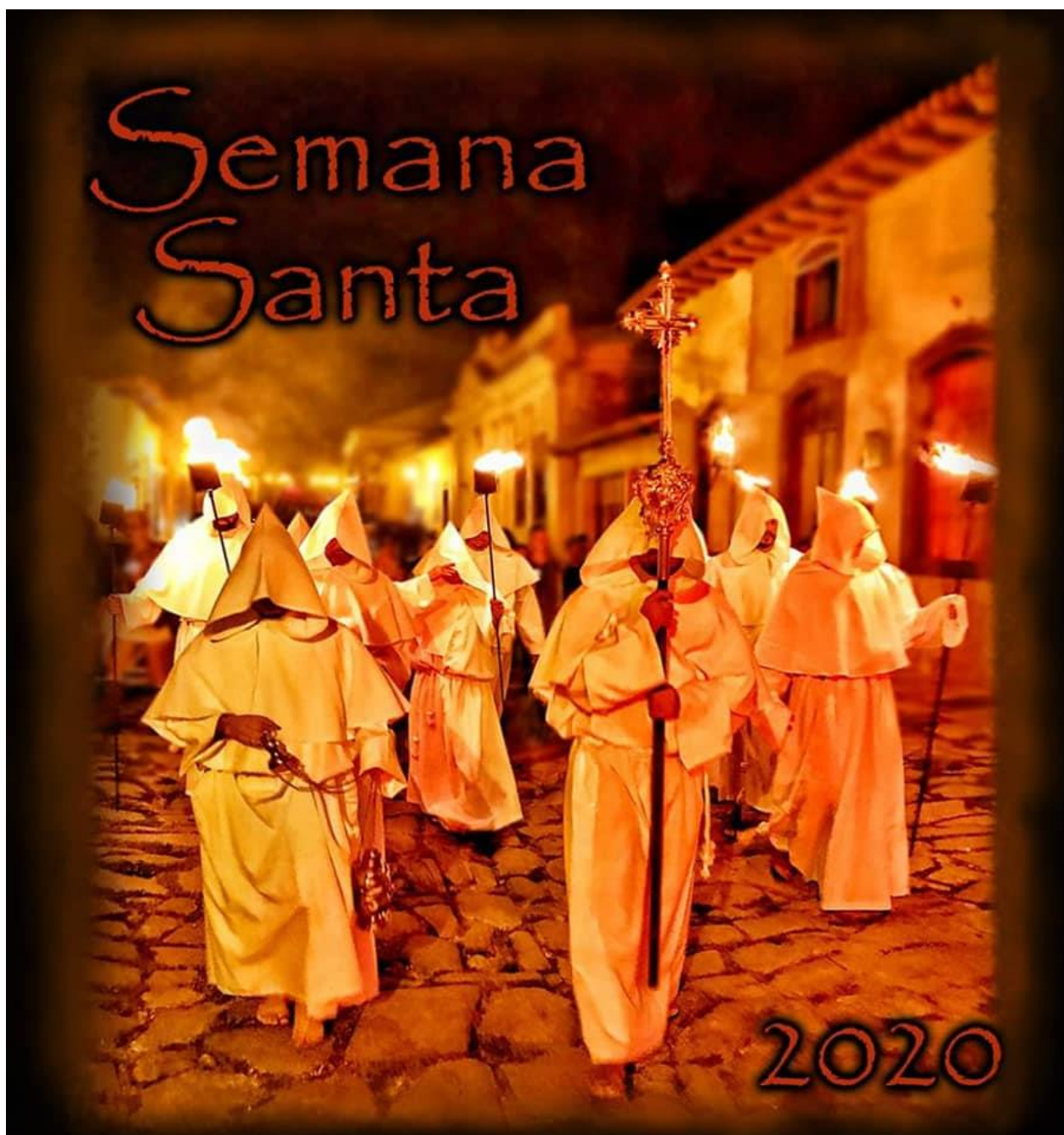
SPINELLI, Céline. **Cavalhadas em Pirenópolis: tradições e sociabilidade no interior de Goiás**. Religião & Sociedade, v. 30, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/twgdBgBWWYs73y9wgHXthqL/?lang=pt>. Acesso em: 01/02/2021.

TAILCHE, Khalid BasherMikha. **Edward Said e a Tradição Inventada**.XI Congresso Internacional da ABECAN, Salvador, 2011.

ANEXOS

Procissão do Fogaréu

1. Folheto de divulgação. Capa do cronograma da Semana Santa da Cidade de Goiás em 2020.



Fonte: Site Prefeitura de Goiás, acessado em 20/03/2021.

(<http://www.prefeituradegoias.go.gov.br/2020/02/28/programacao-da-quaresma-e-semana-santa-na-cidade-de-goias-2020/>)

2. Carta de boas vindas de Dom Eugênio Rixen, Bispo de Goiás aos moradores e turistas participantes das festividades, disponível no folheto digital do Cronograma da Semana Santa de Goiás de 2020.

“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lucas 10,33-34)

Seja bem-vindo à nossa cidade de Goiás para celebrarmos a Quaresma e a Semana Santa deste ano de 2020.

Sua presença nos anima na nossa caminhada de fé e na preservação das nossas tradições desde 1745, quando foi criada a prelazia de Sant’Ana de Goiás.

As nossas procissões, nossos motetos, nossas celebrações e principalmente o Fogaréu e a procissão do Senhor Morto animam cada ano a fé humilde e profunda dos vilaboenses e dos visitantes.

A cada ano, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) propõe reflexões e ações para favorecerem o surgimento de uma sociedade mais justa e solidária. Em 2020, o tema é “Fraternidade e Vida: dom e compromisso” e o lema “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”. Esta frase é tirada da parábola do Bom Samaritano. Somos convidados a nos aproximar dos outros, a ter compaixão de seus sofrimentos e a curar suas feridas. Não podemos ficar indiferentes! Precisamos sair de nós mesmos, ir ao encontro das pessoas que vivem nas periferias geográficas e existenciais deste mundo.

As celebrações da Paixão-Morte-Ressurreição de Jesus nos convidam a acreditar que a vida é mais forte que a morte. A vida de Jesus foi uma vida doada por amor: “amai-vos uns aos outros, como eu vos amei!” (João 15,12).

Que você se sinta acolhido(a) verdadeiramente e possa celebrar conosco esses momentos fortes e assim experimentar o amor carinhoso de Deus!



Fonte: Site Prefeitura de Goiás, acessado em 20/03/2021.

(<http://www.prefeituradegoias.go.gov.br/2020/02/28/programacao-da-quaresma-e-semana-santa-na-cidade-de-goias-2020/>)

3. Programação da Quaresma e Semana Santa da Cidade de Goiás, 2020.

QUARESMA
26 de fevereiro a 4 de abril

SEMANA SANTA DA CIDADE DE GOIÁS 5 a 12 de abril

Tempo da preparação para a grande celebração da Páscoa. Lembra o retiro de Jesus no deserto e a caminhada do povo de Deus que, por meio de sua luta, vive a Páscoa de Jesus.

QUINTA-FEIRA SANTA - 26 de fevereiro
Missas de Celebração das Cinzas às 7h na Capela do Lar São José e às 19h na Catedral de Sant'Ana, Igreja de Santa Rita de Cássia, Mosteiro d'Anunciação e Santuário de Nossa Senhora do Rosário.

SEMANA DOS PASSOS - de 22 a 29 de março
Colocamos nossos passos nos passos de Jesus: da Morte à Ressurreição.

14 de março - 22 de março
14 às 17h - Confissões na Igreja de Santa Rita de Cássia.
Quarta-feira, 22 de março
19h - Retiro Espiritual na Igreja de São Francisco de Paula.

Quinta-feira, 23 de março
15 às 19h - Adoração e Bênção do Santíssimo, Igreja Santa Rita de Cássia.
19h - Retiro Espiritual com penitência comunitária, Ig. São Francisco de Paula.
19h - Missa, Igreja Santa Rita de Cássia.

Sexta-feira, 24 de março
6h - Ofício Divino das Comunidades, Igreja Santa Rita de Cássia.
15h - Missa na Igreja São Francisco e Compromisso dos novos irmãos da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos.
19h - Missa da Saúde e Bênção dos Enfermos, Capela N. Sra do Perpétuo Socorro, Goiás II.

Sábado, 25 de março
6h30min - Missa e Comemoração Geral da Irmandade na Igreja São Francisco.
19h - Missa e Procissão do Depósito, da Ig. São Francisco ao Santuário do Rosário.

Domingo, 26 de março
8h - Missa no Santuário de Nossa Senhora do Rosário.
18h - Missa no Santuário de N. Sra. do Rosário em seguida, saída da Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos para a Procissão do Encontro.
18h - Missa na Catedral de Sant'Ana; em seguida, saída da Imagem de Nossa Senhora das Dores para a Procissão do Encontro.

SEMANA DAS DORES - 30 de março a 4 de abril
A figura de Maria é o centro dessa caminhada. Representa para nós, hoje, a imagem da mulher na salvação.

Segunda-feira, 30 de março
19h - Missa na Catedral, seguida de Procissão de Transladação da Imagem do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos de volta para a Igreja São Francisco.

Terça-feira, 31 de março
9 às 12h - Confissão na Capela Nossa Senhora Aparecida, Setor Aeroporto.
19h - Tríduo de N. Sra. das Dores na Catedral, com canto dos Motetres das Dores.
19h - Missa da Saúde, Capela Nossa Senhora Aparecida, Setor Aeroporto.

Quarta-feira, 1 de abril
9 às 12 e 14 às 17h - Confissão na Igreja Santa Rita de Cássia.
19h - Tríduo de N. Sra. das Dores, na Catedral, com canto dos Motetres das Dores.

Domingo, 2 de abril
9 às 12h - Confissões na Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Goiás II.
19h - Tríduo de N. Sra. das Dores, na Catedral, com canto dos Motetres das Dores.

Quinta-feira, 3 de abril
6h - Missa de Abertura das 24 Horas Para o Senhor na Igreja Santa Rita de Cássia.
9h - Missa e unção dos enfermos na Catedral de Sant'Ana.
19h - Missa na Catedral, seguida de Procissão de Nossa Senhora das Dores.

Sexta-feira, 4 de abril
6h - Bênção do Santíssimo e Missa de Encerramento das 24 Horas na Igreja Santa Rita.
16h - Missa da Saúde com Unção dos Enfermos na Comunidade Estreia.
19h - Missa no Santuário de Nossa Senhora do Rosário.

5 de abril - Domingo da Ramos e da Paixão do Senhor
A entrada em Jerusalém anuncia a nova Jerusalém, a vitória da vida sobre a morte.

Dia nacional da Coleta da Solidariedade, gesto concreto da Campanha da Fraternidade 2020 - "FRATERNIDADE E VIDA: DOM E COMPROMISSO".

7h - Procissão de Ramos e Missa na Capela do Lar São Vicente de Paulo.
8h - Procissão de Ramos e Missa no Santuário de Nossa Senhora do Rosário e na Capela de Nossa Senhora Aparecida (Setor Aeroporto).
9h - Missa e Procissão de Ramos no Mosteiro d'Anunciação e no Santuário de Nossa Senhora Aparecida (Povoado de Anilás).
15h - Procissão de Ramos e Missa na Igreja Santa Rita de Cássia.
18h30min - Procissão de Ramos, com início nas escadarias do Santuário do Rosário e percurso até a Catedral de Sant'Ana, seguida de Missa na Catedral.

Sexta-Feira Santa - 6 de abril
9h - Missa, Unção dos Enfermos e Bênção da Saúde no Santuário do Rosário.
19h - Celebração Penitencial na Catedral de Sant'Ana.

Sábado-Feira Santa - 7 de abril
8h - Caminhada pela Paz - PENSAR PELA PAZ. Início no Largo do Chafariz.
19h - Celebração e Penitência Comunitária e Individual no Santuário do Rosário.

Quarta-Feira Santa - 8 de abril
Dramatização do sofrimento humano e a esperança.
17h - Fogareuzinho. Início em frente ao Museu das Bandeiras.
19h - Missa do Crisma na Catedral de Sant'Ana.
20h30min - Encenação da Via Sacra pelas ruas do Centro Histórico. Início na Praça do Coreto.
23h59min - Procissão do Fogaréu. Início em frente ao Museu de Arte Sacra da Boa Morte.

SÁBRO TRÍBUO PASCAL

4 de abril - Quinta-Feira Santa: Lava-pés e Ceia do Senhor
Ao lavar os pés dos discípulos, Jesus revelou que veio não para ser servido, mas para servir. A Santa Ceia inaugurou uma nova ordem fundada na partilha e na solidariedade.

18h - Missa do Lava-pés e da Santa Ceia do Senhor, seguida de adoração ao Santíssimo Sacramento até às 23h59min, na Catedral de Sant'Ana e no Santuário de Nossa Senhora do Rosário.
19h - Missa do Lava-pés e da Santa Ceia do Senhor no Mosteiro d'Anunciação e na Igreja Santa Rita de Cássia.
23h30min - Procissão dos Penitentes. Início em frente à Igreja São Francisco de Paula.

10 de abril - Sexta-Feira Santa: Paixão e Morte do Senhor
Cristo obedeceu até à morte e morte da cruz. E o Pai o exaltou e lhe deu poder e glória. (Filipenses 2)

5h - Via Sacra da Capela de Nossa Senhora Aparecida (Setor Aeroporto) até à Igreja Santa Rita.
6h30min - Via Sacra da Catedral de Sant'Ana ao Morro do Cruzeiro (caminhada).
10h - Canto do Perdão (masculino) na Igreja de Nossa Senhora d'Abadia.
11 às 15h - Confissão Individual na Catedral de Sant'Ana.
14h - Canto do Perdão no Santuário de Nossa Senhora do Rosário.
15h - Beijo da Cruz (Adoração da Santa Cruz - Paixão do Senhor) na Catedral de Sant'Ana, Igreja Santa Rita, Mosteiro d'Anunciação e Santuário do Rosário.
18h - Canto do Perdão (feminino) na Igreja São Francisco de Paula.
20h - Despedimento da Cruz, no Largo do Chafariz. Em seguida, Procissão do Senhor Morto.

11 de abril - Sábado de Paixão: Preparação da Festa Pascal
Dia de silêncio, retiro e oração.

8 às 15h - Visitação ao Cristo no Sepulcro, no Santuário do Rosário.
7h - Caminhada à Serra Dourada, em preparação à Páscoa. Início em frente à Prefeitura.
14h - Visita guiada pelo Bispo Dom Eugênio Rizen às várias Igrejas históricas da Cidade de Goiás. Início na Catedral de Sant'Ana.
18h30min - Concerto de Páscoa no Santuário do Rosário.
19h - Vigília Pascal na Igreja Santa Rita.
21h - Vigília Pascal no Santuário do Rosário.

12 de abril - Domingo de Páscoa: Ressurreição do Senhor
Neste dia apontam entre os magos, Receberam, como prova, a vida da Ressurreição em todos nós.

4h - Vigília Pascal Procissão do Desencerramento do Santíssimo no Mosteiro d'Anunciação.
7h - Ofício do Desencerramento do Santíssimo do Lar São Vicente de Paulo.
8h - Ofício do Desencerramento do Santíssimo do Mosteiro do Rosário e do Angelus de Nossa Senhora Aparecida (Setor Aeroporto).
6h30min - Ofício de Desencerramento do Santíssimo, seguido do canto do Salmo 118 no Fogaréu-Santuário.
18h - Ofício do Desencerramento do Santíssimo na Igreja Santa Rita.

Fonte: Site Prefeitura de Goiás, acessado em 20/03/2021.

<http://www.prefeituradegoias.go.gov.br/2020/02/28/programacao-da-quaresma-e-semana-santa-na-cidade-de-goias-2020/>

4. Programação da Quarta-feira Santa (dia em que acontece a Procissão do Fogaréu).

Terça-Feira Santa - 7 de abril

8h - Caminhada pela Paz - PENSAR PELA PAZ.
Início no Largo do Chafariz.

19h - Celebração e Penitência Comunitária e Individual no Santuário do Rosário.

Quarta-Feira Santa - 8 de abril

Dramatização do sofrimento humano e a esperança.

17h - Fogareuzinho. Início em frente ao Museu das Bandeiras.

19h - Missa do Crisma na Catedral de Sant'Ana.

20h30min - Encenação da Via Sacra pelas ruas do Centro Histórico. Início na Praça do Coreto.

23h59min - Procissão do Fogaréu.
Início em frente ao Museu de Arte Sacra da Boa Morte.

CIDADE DE GOIÁS - 2020

Fonte: Site Prefeitura de Goiás, acessado em 20/03/2021.

<http://www.prefeituradegoias.go.gov.br/2020/02/28/programacao-da-quaresma-e-semana-santa-na-cidade-de-goias-2020/>

5. Imagem do Fogareuzinho, encenado por crianças da Cidade de Goiás vestidas de farricocos no fim de tarde da Quarta feira Santa, antes da Procissão.



Fonte: Site Festas Populares, acessado em 19/03/2021.
(<https://festaspopulares.iesa.ufg.br/p/547-procissao-do-fogareu>)

6. Tochas a serem carregadas pelos farricocos ao longo da Procissão do Fogaréu.



Fonte: Site Festas Populares, acessado em 19/03/2021.
(<https://festaspopulares.iesa.ufg.br/p/547-procissao-do-fogareu>)

7. Farricocos a caminho do Museu da Boa Morte para início da Procissão



Fonte: Site Festas Populares, acessado em 19/03/2021.
(<https://festaspopulares.iesa.ufg.br/p/547-procissao-do-fogareu>)

8. Procissão em andamento pelas ruas da Cidade de Goiás.



Fonte: Site Folha de São Paulo, acessado em 21/03/2020.
(<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/33878-procissao-do-fogareu-em-goias>)

9. As ruas da Cidade de Goiás iluminadas pelas tochas dos farricocos e participantes durante a Procissão do Fogaréu.



Fonte: Site Prefeitura de Goiás, acessado em 22/11/2020.
(<http://www.prefeituradegoias.go.gov.br>)

10. Momento final da Procissão do Fogaréu, onde um dos farricocos, portando um estandarte de linho pintado em duas faces (que simboliza Jesus Cristo), anuncia ao som de um clarinete (tocado por outro farricoco) a prisão de Jesus Cristo.



Fonte: Site G1 Goiás, acessado em 21/03/2021.

(<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2019/04/18/procissao-do-fogareu-em-goias-emocional-milhares-de-fieis-com-encenacao-da-perseguiacao-a-jesus.ghtml>)

Cavalcadas de Pirenópolis

11. Os cavaleiros já reunidos, a caminho do campo onde ocorrem as apresentações.



Fonte: Site Cidade Pirenópolis, acessado em 21/03/2021.
(https://www.cidadepirenopolis.com.br/agenda_detalhe/cavalhadas-de-pirenopolis-2019)

12. Momento da encenação da batalha entre Cristãos e Mouros.



Fonte: Portal Dia Online, acessado em 21/03/2021.

(<https://diaonline.ig.com.br/aproveite/cidades/pirenopolis/cavalhadas-de-pirenopolis-em-goias-espetaculo-e-fe-na-festa-do-divino>)

13. Mascarados.



Fonte: Site Agita Pirenópolis, acessado em 21/03/2021.

(<https://www.agitapirenopolis.com.br/conheca-os-mascarados-de-pirenopolis-20429>)

14. Mascarados.



Fonte: Site Jornal Opção, acessado em 21/03/2021.
(<https://www.jornalopcao.com.br/bastidores/prefeito-joao-do-leo-cancela-as-cavalhadas-de-pirenopolis-de-2020-244073/>)

15. Cavalhadinha Mirim.



Fonte: Site Agita Pirenópolis, acessado em 21/03/2021.
(<https://www.agitapirenopolis.com.br/cidade-de-pirenopolis/cavalhadas-de-pirenopolis>)

16. A Banda de músicos que dá som ao espetáculo das Cavalhadas de Pirenópolis.



Fonte: Site Pirenópolis.tur, acessado em 21/03/2021.

<https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas>